Seis poemas de Emily Brontë

Renata Cordeiro

Emily Brontë nasceu em 30 de julho de 1818 em Thornton, Yorkshire, Inglaterra. Era a irmã mais nova de Charlotte Brontë e a quinta de seis filhos. Em 1820, mudou-se para Haworth, onde o seu talento literário floresceu. Depois da morte da mãe, as três irmãs – Emily, Charlotte e Anne – e o irmão delas, Branwell, criaram terras imaginárias (Angria, Gondal, Gaaldine), que figuram nas histórias que eles depois escreveram. Deste período, poucos trabalhos de Emily sobreviveram (só alguns poemas esparsos).

Publicou sua única obra em prosa, O Morro dos Ventos Uivantes (Wuthering Heights), em 1847. Embora a princípio tenha recebido críticas desfavoráveis, o livro se tornou um clássico da literatura inglesa, recebendo várias versões cinematográficas, inúmeras adaptações e sendo traduzido para quase todas as línguas. Morreu em 19 de dezembro de 1848 de tuberculose e foi enterrada no cemitério de Haworth.

No Coward Soul is Mine

No coward soul is mine

No trembler in the world's storm-troubled sphere:

I see Heavens glories shine,

And faith shine equal, arming me from fear.

O God within my breast.

Almighty, ever-present Deity!

Life – that in me has rest.

As I – Undying life – have power in Thee!

Vain are the thousand creeds
That move men hearts: unutterably vain;
Worthless as withered weeds,
Or idlest froth amid the boundless main,

To waken doubt in one Holding so fast by Thine Infinity; So surely anchored on The steadfast Rock of immortality.

With wide-embrancing love
Thy Spirit animates eternal years,
Pervades and broods above,
Changes, sustains, dissolves, creates, and rears.

Though earth and moon were gone, And suns and universes ceased to be, Ant Thou wert left alone, Every existence would exist in Thee.

There is no room for Death,

Nor atom that his might could render void:

Thou – Thou art Being and Breath,

And Thou art may never be destroyed.

Eu Não Tenho a Alma Covarde

Eu não tenho a alma covarde,
Pois frente aos vendavais, eu nunca tremo:
O Paraíso brilha, arde,
Como a fé, pela qual eu nada temo.

Deus, meu peito Te abrigou.

Deidade poderosa e onipresente!

Vida – que em mim repousou.

Como eu – Vida Imortal – em Ti, potente!

Movem-nos o peito em vão Mil credos que não são mais do que enganos; Sem valor, brotos malsãos, Ou a ociosa espuma do Oceano,

A pôr dúvidas num ente Pego assim pela Tua infinidade; Preso tão seguramente

Na firme Rocha da imortalidade!

Com o amor de um grande enleio Teu espírito o tempo eterno anima, Para cima e de permeio, Muda, apóia, dissolve, cria e ensina.

Se a Terra e a lua findassem, Se não houvesse sóis nem universos, E se, só, Te abandonassem, Haveria existência em Ti, por certo.

A Morte não tem lugar,

Nem pode um único átomo abater:
És o Sopro mais o Ser

Nada pode jamais Te exterminar. 1

Este poema é considerado um dos "maiores da língua inglesa" e foi o último que Emily escreveu, em 1846, aparentemente num momento de grande inspiração. Nele, há a sagrada presença do Divino, uma força que dá vida e guia toda a evolução e o destino. O 4º verso da 5ª estrofe mostra como a Natureza trabalha na transformação universal: "Muda, apóia, dissolve, cria e ensina", uma descrição perfeita da evolução cíclica do mundo, o seu começo, a sua manutenção, em seguida, a sua dissolução, para voltar a ser criado e construído. Já a estrofe seguinte fala-nos de sóis e universos, conceito maravilhoso e surpreendente: o do Espaço em si. Depois, nos últimos versos – "A Morte não tem lugar,/Nem pode um único átomo abater", Emily alia o pronunciamento científico ao metafísico – "És o Sopro mais o Ser,/Nada pode jamais Te exterminar". Há livros de filosofia em que isso é formulado, mas, às vezes, o brilho de um lampejo poético pode ser o farol que traz não só o esclarecimento, mas também a realização.

Sympathy

There should be no despair for you
While nightly stars are burning,
While evening pours its silent dew
And sunshine gilds the morning.

There should be no despair, though tears
May flow down like a river:
Are not the beloved of years
Around your heart forever?

They weep – you weep – it must be so; Winds sigh as you are shining; And Winter sheds its grief in snow Where Autumn's leaves are lying;

Yet these revive, and from their fate Your fate cannot be parted, Then journey on, if not elate, Still, never broken-hearted!

Solidariedade

Não deves ter desesperança, Cada estrela incendeia; O silente orvalho se lança E o sol tudo clareia. Não à desesperança, embora O pranto vá jorrar: Mas os áureos anos de outrora No peito hão de ficar.

Todos choram, como se deve,
O ar, qual nós, dá seus ais,
O pesar fica sob a neve,
Vêm folhas outonais,

Que revivem; pelo seu fado
O teu nunca é rompido:
Vai, mesmo que desanimado,
E jamais dolorido!

Hope

Hope was but a timid friend;
She sat without the grated den,
Watching how my fate would tend,
Even as selfish-hearted men.

She was cruel in her fear;

Through the bars, one dreary day,
I looked out to see her there,

And she turned her face away!

Like a false guard, false watch keeping, Still, in strife, she whispered peace; She would sing while I was weeping; If I listened, she would cease.

False she was, and unrelenting;
When my last joys strewed the ground,
Even Sorrow saw, repenting,
Those sad relics scattered round;

Hope, whose whisper would have given
Balm to all my frenzied pain,
Stretched her wings, and soared to heaven,
Went, and ne'er returned again!

A Esperança

Esperança, amiga insegura; Sentou-se fora do covil, Para ver a mim e à ventura, Como um ser egoísta, vil.

No seu temor, como foi má; Entre os grilhões, dia sombrio, Olhei para fora e a vi lá, Sua face fez um desvio!

É vigia, falsa entretanto, Mas na luta por paz cicia; Como cantava no meu pranto, Se a ouvisse, Ela emudecia. Falsa e impiedosa, a Esperança; Quando as alegrias rolaram, Contrito, até o Pesar viu as lembranças, Que ao meu redor se esparramaram.

Esperança, se ciciasses,

Trarias alívio aos meus ais,
Ao Paraíso, vôo alçaste,

Partiste, para nunca mais!

The Night is Darkening Round Me

The night is darkening me,

The wild winds coldly blow;

But a tyrant spell has bound me

And I cannot, cannot go.

The giant trees are bending

Their bare boughs weighed with snow,

The storm is fast descending

And yet I cannot go.

Clouds beyond clouds above me,
Wastes beyond wastes below;
But nothing drear can move me;
I will not, cannot go.

Torna-Se a Noite Obscurecida

Torna-se a noite obscurecida,

Vem o vento violento;

Mas detém-me o encantamento,

E é-me impossível a partida.

Curvam-se árvores colossais, Sob neve, o galho a se abrir, São rápidos vendavais, Mas eu não posso inda partir.

A nuvem sobre mim revolve,

Sob os meus pés, não há vida;
O lúgubre não me move;
É-me impossível a partida.

Last Words

I knew not 'twas so dire a crime To say the word "Adieu"; But this shall be the only time My lips or heart shall sue.

That wild hill-side, the winter morn
The gnarled and ancient tree,
If in your breast they waken scorn,
Shall wake the same in me.

I can forget black eyes and brows
And lips of falsest charm,
If you forget the sacred vows
Those faithless lips can form.

If hard commands can tame your love
Or strongest walls can hold,
I would not wish to grieve above
A thing so false and cold.

And there are bosoms bound mine
With links both tried and strong;
And there are eyes whose lightning shine
Has warmed and blest me long;

Those eyes shall make my only day,
Shall set my spirit free,
And chase the foolish thoughts away
That mourn your memory.

Últimas Palavras

Crime de tanta hediondez,

Não sabia que era o Adeus;

Do peito e lábios, desta vez

Só, sairão rogos meus.

O morro selvagem, o frio,

Tronco rugoso, ancião,

Se te enfastiam o fastio,

O mesmo a mim causarão.

Posso olvidar negros olhares, Lábios falsos, cenho escuro, Se dos votos sãos te olvidares, Os dos teus lábios impuros.

Se o teu amor se subjugasse,
Por uma ordem severa,
Se um forte muro o segurasse,
Falso e frio eu não quisera.

Há abraços no meu pensamento

Que se uniram e se afirmaram;
E olhos de tanto luzimento,

Quentes, que me abençoaram;

Olhos do alegre e único dia, Que o espírito meu alforra, Da alma de tolices vazia Que a saudade tua chora.

The Old Stoic

Riches I hold in light esteem

And Love I laugh to scorn

And lust of Fame was but a dream,

That vanished with the morn –

And if I pray, the only Prayer

That moves my lips for me
Is – "Leave the heart that now I bear

And give me liberty."

Yes, as my swift days near their goal
"Tis all I implore –
In life and death a chainless soul,
With courage to endure!

O Velho Estóico

Eu desprezo o Amor e a quem ama, Dos ricos, sei zombar; É sonho a luxúria da Fama, Que acaba ao despertar –

E se oro, a única Oração Que a boca me devora É – "Larga este meu coração Deixa-me livre agora."

Quais dias de missão cumprida, Estou eu a implorar – Alma livre na morte ou vida, Coragem p'ra agüentar.